

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
ESCOLA DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

JADER RAFAEL FRANÇA DE ANDRADE

**COMPREENDENDO OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO MUSICAL: NOTAS
SOBRE MÚSICA E HISTÓRIAS DE ALUNOS DA BANDA MARCIAL DOS
PROGRAMAS SOCIAIS (BAMAPS) – TANGARÁ/RN.**

Natal-RN
2018

JADER RAFAEL FRANÇA DE ANDRADE

**COMPREENDENDO OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO MUSICAL: NOTAS
SOBRE MÚSICA E HISTÓRIAS DE ALUNOS DA BANDA MARCIAL DOS
PROGRAMAS SOCIAIS (BAMAPS) – TANGARÁ/RN.**

Monografia para conclusão do curso de
Licenciatura em Música da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Prof. Dra. Tamar Genz
Gaulke

Natal-RN
2018

Catálogo da Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial de Música Pe. Jaime Diniz

- A553c Andrade, Jader Rafael França de.
Compreendendo os caminhos da formação musical : notas sobre música e histórias de alunos da Banda Marcial dos Programas Sociais (BAMAPS) – Tangará/RN / Jader Rafael França de Andrade. – Natal, RN, 2018.
37 f. : il.
- Orientadora: Profa. Dra. Tamar Genz Gaulke
Monografia (licenciatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Escola de Música, 2018.
1. Banda Marcial dos Programas Sociais – Monografia. 2. Música – Aspectos sociais – Tangará (RN) – Monografia. 3. Estudantes de música – Tangará(RN) – Monografia. 4. Música – Instrução e ensino – Monografia. I. Gaulke, Tamar Genz. II. Título.
- RN/UF/BSE-EMUFRN CDU 78:316.7(813.2)

Elaborada por: Cirlene Maciel de Oliveira Melo – CRB-15/280

JADER RAFAEL FRANÇA DE ANDRADE

**COMPREENDENDO OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO MUSICAL: NOTAS
SOBRE MÚSICA E HISTÓRIAS DE ALUNOS DA BANDA MARCIAL DOS
PROGRAMAS SOCIAIS (BAMAPS) – TANGARÁ/RN.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de educação musical como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Música.

Monografia aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DRA. TAMAR GENZ GAULKE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
(ORIENTADORA)

PROF. MS. BARBARA MATTIUCI
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(MEMBRO DA BANCA)

PROF. LETÍCIA DAMASCENO DO NASCIMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(MEMBRO DA BANCA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, João Maria de Andrade e Raquel França de Andrade que tanto me apoiam e incentivam meu avanço no âmbito musical educacional. A meus irmãos, Rafaela de França Andrade e João Vitor França Andrade, que sempre estão presentes em minha vida. À Dra. Tamar Genz Gaulke, minha orientadora e professora, onde se fez presente em todos os momentos importantes dessa jornada que é a pesquisa. Aos alunos da Banda Marcial dos Programas Sociais - BAMAPS, onde se mostraram sempre ativos nos estudos e foram essenciais para minha formação acadêmica na prática do ensino. E aos meus colegas professores de música, para que esse trabalho possa servir de apoio e incentivo nesse campo tão apaixonante que é o da educação musical.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Maria de Andrade e Raquel França de Andrade, que quase sempre não estando fisicamente presentes, me ligam e reforçam seu amor e apoio a essa minha incansável busca pelo aprimoramento profissional. Eu amo vocês!

Aos meus irmãos, Rafaela de França Andrade e João Vitor França Andrade, que tanto os amo e também estando longe me amam, ajudam e apoiam meu trabalho onde sempre procuro fazer meu melhor.

Aos meus avós paternos: João Ildefonso de Andrade (*in memoriam*) e Gasparina Ferreira da Silva (*in memoriam*), por terem ajudado meus pais com minha educação, pelos vastos conselhos a mim direcionados e claro, por todo amor que me deram. Eu sempre amarei vocês!

Aos meus avós maternos: Manoel Antônio de França (seu Didi) e Maria Salustina de França (*in memoriam*), por todas as vezes que me receberam tão bem em nossas visitas ao Sítio Trairi, e pelo amor que sempre me deram, mesmo morando distante e não podendo ser possível a visita ser constante. Obrigado por entenderem minha ausência. Eu sempre amarei vocês!

Aos meus amigos, que compreenderam minha ausência nos passeios noturnos e que vários deles eu só tenho por estar vivendo essas experiências musicais aqui em Natal-RN.

À minha orientadora, professora Dra. Tamar Genz Gaulke, pela paciência e motivação em poder contribuir para essa área tão importante quanto qualquer outra no âmbito educacional. Obrigado!

Caso tenha deixado de citar alguém, aqui peço minhas desculpas a fim de deixar bem claro que sou grato a todos que direta e indiretamente foram essenciais para a conclusão desse trabalho.

À vocês, meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho de final de curso trata-se de uma investigação sobre a Banda Marcial dos Programas Sociais – BAMAPS – da cidade de Tangará/RN, cujo objetivo foi compreender o processo de musicalização e por quais formatos musicais a BAMAPS já passou, indicando alguns pontos importantes no processo de formação musical e sócio-cultural na vida dos alunos e da comunidade Tangaraense. A metodologia que se utilizou para coleta dos dados foram as entrevistas narrativas, via internet e entrevistas presenciais, visando à abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através de alunos/músicos veteranos e que ainda fazem parte da BAMAPS. Nesta pesquisa, foi possível concluir que a banda de música possui a finalidade não só de formar músicos para apresentações artísticas, como também a de incluir o indivíduo na sociedade, através de práticas coletivas e relações humanas. As considerações finais apontam a importância da existência de uma banda de música dentro do campo social e educacional das crianças e adolescentes, como também traz a necessidade sobre pesquisar mais detalhadamente sobre o processo de musicalização que se dá a esses jovens, desde seu início até níveis mais elevados, didaticamente falando.

Palavras-chave: Banda de música; Projetos sociais; Musicalização.

ABSTRACT

This year-end work is about an investigation about the Martial Band of Social Programs - BAMAPS - of the city of Tangará/RN, whose objective was to understand the process of musicalization and by what musical formats BAMAPS has already passed, indicating some points important in the process of musical and socio-cultural formation in the lives of students and the Tangara community. The methodology used for data collection was narrative interviews, via the Internet and face-to-face interviews, aiming at the qualitative approach. Data were collected through veteran students/musicians who are still part of BAMAPS. In this research, it was possible to conclude that the band has the purpose not only to train musicians for artistic presentations, but also to include the individual in society, through collective practices and human relations. The final considerations point to the importance of the existence of a music band within the social and educational field of children and adolescents, as well as the need for more detailed research on the process of musicalization given to these youngsters, higher, speakingly speaking.

Keywords: Musical band; Social projects; Musicalization.

Deus está em todos nós.
Deus está em você, Deus está em mim.
Deus em mim, é quem realmente sou,
no meu âmago.
o Deus em mim é a minha melhor versão.
o Deus em mim é quem eu tento ser,
quem estou destinado a ser.

Morgan Freeman

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 Projetos sociais e educação musical	14
2.2 Bandas de Música	16
3. METODOLOGIA.....	19
4. CONTEXTUALIZAÇÃO	21
4.1 O que é o SCFV.....	21
4.2 Os objetivos gerais do SCFV	22
4.3 A BAMAPS	23
5. NOTAS SOBRE MÚSICA E HISTÓRIAS DE ALUNOS DA BAMAPS.....	26
5.1 Trajetória na BAMAPS	26
5.2 A importância da BAMAPS na vida dos componentes.....	28
5.3 A importância da BAMAPS na vida social dos Tangaraenses.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	34
ANEXO I (ROTEIRO DA ENTREVISTA)	
ANEXOS II (IMAGENS)	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa em que serão apresentados, através de narrativas dos alunos, pontos sobre a história musical e de vida dos alunos/músicos da banda marcial dos programas sociais na cidade de Tangará/RN, dialogando com os autores que falam sobre o ensino de música em projetos sociais e trazendo a realidade da Banda Marcial dos Projetos Sociais – BAMAPS – da cidade de Tangará/RN.

Os alunos da BAMAPS são crianças e adolescentes inseridos no cadastro único da Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social (SEMTHAS), onde se caracterizam como famílias em área de vulnerabilidade social e de baixa renda. O programa que assiste os alunos da BAMAPS é o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (S.C.F.V.) pertencente ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), onde o principal objetivo é a retirada desses jovens das ruas em seus horários de contra turno na escola, garantindo oficinas e orientação social para que essas famílias não tenham suas crianças e jovens com tempo ocioso.

Escolhi este tema devido a minha história de vida e início dos estudos em música serem semelhante a dos alunos da BAMAPS (que há dois anos são meus alunos). Iniciei meus estudos em música aos 12 anos de idade na cidade de Serra Caiada/RN pelo antigo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), hoje unificado a outros programas sociais e chamado de “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos” (S.C.F.V.), onde a principal formação musical se dava através de ensino coletivo pelo aprendizado prático de instrumentos de sopro e percussão.

No ano de 2003, passei em um teste para o curso básico de música/trompete da Escola de Música da UFRN (EMUFRN). Ali estava começando minha jornada acadêmica, acompanhada de muita persistência e dificuldades financeiras para poder pagar as passagens de Serra Caiada-RN para Natal-RN, e digo isso com muito orgulho, pois acredito que a persistência pode nos levar além do que imaginamos. Em 2005 ingressei no curso técnico em música/trompete pela EMUFRN. Em 2009 ingressei no curso de Bacharelado em música/trompete também pela EMUFRN, e em 2011, quando estava com 50% do curso de bacharelado concluído, despertou em mim a vontade e curiosidade para lecionar música. Desde então caminho pelas duas vertentes (tocar e lecionar) e, devido a esse estímulo, ao término do curso de Bacharelado ingressei em 2013 no curso de Licenciatura em Música na EMUFRN.

Essas etapas da minha vida foram mais complicadas devido ao fato de ter que estudar e trabalhar ao mesmo tempo, e assim o fiz. Alternado ao curso de Licenciatura em música cursei também o Técnico em Regência e a Especialização no Ensino de Música na Educação Básica, ambos na EMUFRN. Este ano de 2018 será o ano da minha formação em Licenciatura em Música. Dentro dessa jornada na Escola de Música da UFRN não só estudei como também participei e participo de grupos e programas imprescindíveis para minha formação acadêmica (Big Band Jovem, Grupo de Metais da UFRN, Grupo de Trompetes da UFRN, Orquestra Sinfônica da UFRN, Madrigal da UFRN, Professor de trompete e estruturação musical pelo PRONATEC-UFRN, Monitor de teoria musical PROMÚSICA).

Como dito anteriormente, assim como meus alunos, também já participei de projetos sociais como aluno e, tendo em vista que amigos meus optaram por não seguir profissionalmente carreira musical, seja por falta de incentivo dos pais, falta de condição financeira, falta de apoio e direcionamento por parte do maestro, me veio à inquietação sobre alunos tão dedicados e talentosos que a BAMAPS possui há anos e que nunca ingressaram em um curso profissionalizante. Alunos, esses, que nunca desistiram da música, mas que também nunca foram direcionados para o ensino específico em seus instrumentos, sabendo que na BAMAPS as aulas eram feitas em forma de ensaios, onde o maestro ensinava e corrigia os ritmos no decorrer das aulas. Não existia uma aula direcionada para o estudo da técnica instrumental.

Percebi também que manter a banda ativa (com um maestro à frente) aumenta o estímulo dos alunos em seus estudos diários, uma vez que se tem um repertório a ser estudado e tocado em datas fixas dentro do município. Todavia, vi que a prática da leitura na partitura sempre foi incentivada somente para os alunos dos instrumentos de sopro, ficando assim mais difícil para trabalhar repertórios mais elaborados com a percussão. Bem, é compreendido que podem ser dos mais variados os motivos para que os alunos de música da BAMAPS não tenham seguido carreira profissional e, para que esta pesquisa possa contribuir com o campo da Educação Musical, decidi por ouvir deles o que realmente os levaram a desistir ou a não achar ser possível tornarem-se profissionais da música, ou até mesmo o que os motiva a continuar a serem praticantes desta arte tão magnífica por si só: a música.

Para muitos pais, ter o filho inserido em uma banda de música, dentro de um projeto social, é ver seus filhos “consumindo” e fazendo parte da cultura, pois muito se sabe da batalha diária que uma comunidade precisa travar para garantir que o poder

público mantenha esses tipos de projetos ativos. Todavia, o que venho expor com mais enfoque, é que para muitos pais, ter o filho inserido em uma banda de música, dentro de um projeto social, é a garantia de que naquele dia, esses jovens terão o que comer. Mas nos dias de hoje? Sim, nos dias de hoje os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) criam oficinas, projetos, programas e cursos para garantir mais do que uma ocupação no período de contra turno escolar desses jovens, mas também para que eles tenham sua alimentação garantida. É umas das formas que a Assistência Social tem de combater a fome nessas regiões do nordeste onde existe um elevado índice de desemprego e falta de qualificação para o mercado de trabalho. Nas aulas da BAMAPS nós temos três momentos distintos: ensaio, orientação social e refeição, não necessariamente nesta ordem.

Neste trabalho, vamos entender também a importância sobre valores sociais e humanos que os alunos trazem e carregam em suas jornadas de vida. Vamos ainda falar sobre a possibilidade de garantir segurança, confiança e compromisso com esses jovens através da prática do respeito, incentivo e orientação adequada para o direcionamento pessoal de cada um deles. Pois, se não os vemos como salvadores do futuro, é porque já estaríamos perdidos e derrotados pelo pessimismo. Viver com medo é morrer duas vezes. Educar, socializar e promover políticas públicas é o caminho para o medo transforma-se em coragem, e isso se torna possível através de práticas musicais e ensino da música, o que é gratificante e enriquecedor para minha formação profissional e humana.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é compreender, através da história de vida dos alunos, sobre a música e seu processo na Banda Marcial dos Projetos Sociais – BAMAPS – da cidade de Tangará/RN. Assim, poderemos identificar o formato da banda, como foi sua formação, se mudou ou se continua sendo da mesma forma. Como objetivos específicos, procurarei entender a realidade social dos alunos da BAMAPS, compreender o processo de musicalização por meio de instrumentos de percussão na BAMAPS, identificar os motivos de entrada e permanência dos alunos na aula de música, analisar a aceitação por parte da família dos alunos em participarem de uma banda de música, perceber o impacto social/cultural nas famílias dos alunos de música da BAMAPS e, ainda, procurarei identificar transformações pessoais na vida dos alunos após o contato com o estudo da música.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Projetos Sociais e educação musical

A educação musical no contexto informal vem ganhando um considerado espaço, sobretudo no âmbito das ações sociais e, juntamente a isso, cresce também a necessidade sobre se investigar a forma e direcionamentos que os projetos sociais desenvolvem o ensino de música dentro de suas particularidades e necessidades próprias. Sobre educação nos espaços não formais Gadotti, 2012 discorre:

Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de ‘educação informal’. (GADOTTI, 2005, p. 2).

Maximiniano (1997 p. 20) discorre que, geralmente, os projetos sociais são pensados e propostos para solucionar um problema ou uma necessidade social e seus objetivos são definidos em função de “um problema, oportunidade ou interesse de uma pessoa, grupo ou organização”. O que não é diferente com a BAMAPS que, inserida como oficina e funcionando dentro do prédio do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, existe, principalmente, como forma de incentivo e atrativo, uma vez que, participando da BAMAPS como aluno inserido, ele deve, além de participar dos ensaios regulares, estar presente nas palestras sobre os mais diversos assuntos pertinentes à sociedade, bem como assistir a todas as orientações sociais dadas a eles antes ou depois de cada ensaio da banda. Souza (2014) sobre essa perspectiva relata:

Minha experiência com os vários trabalhos de pesquisa, formação e orientação, nestes últimos anos, tem contribuído para poder dizer também que, ao levar em conta as características da sociedade brasileira, a educação musical passou a se deparar com novos desafios, em especial nestas últimas duas décadas. Esses desafios referem-se às dimensões epistemológicas e político-sociais da prática da educação musical, em que o compromisso científico-social e a avaliação do seu impacto são aspectos importantes para sua consolidação (SOUZA, 2014. p. 12).

Particularmente, penso que essa questão social vai além de tão somente trabalhar as relações humanas e culturais dentro de uma sociedade. Em Tangará/RN, por exemplo, temos alunos que vêm a pé de bairros bem distantes e, infelizmente, bairros onde a criminalidade existe a olho nu. Ter esses jovens optando por “fazer” e praticar música ao invés de se entregar a triste realidade que os rodeia traz, com mais ênfase ainda, a certeza da importância da Educação Musical nos âmbitos sociais no campo do ensino e aprendizagem. Sob esse pensamento, podemos citar o jornal O Estado de São Paulo (p. D4, 2002), que, sobre a perspectiva dos projetos Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes em Fortaleza/CE e Sambalelê da ONG Corpo Cidadão, em Belo Horizonte/MG, descreveu a arte como:

Um instrumento para educar e integrar crianças que convivem com a pobreza e a violência em favelas e periferias, [portanto] a ideia não é formar músicos, bailarinos ou artistas, mas sim ampliar o universo cultural de cada criança (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2002).

Ainda sobre os objetivos mais claros dos projetos sociais, Nascimento e Souza (2014, p. 53) relatam que os projetos sociais destinam-se em geral às pessoas – sobretudo crianças e jovens – que vivem em condições de risco social, ou seja, em situação de extrema vulnerabilidade social caracterizada por diversas circunstâncias. Os autores ainda reforçam: “Diante desse quadro, considerável parcela dos projetos sociais busca uma formação integral dos sujeitos e, assim, desenvolve a educação musical simultaneamente a outros conteúdos” (NASCIMENTO; SOUZA, 2014, p. 53).

Freitas (2005, 2006), faz uma reflexão acerca do fazer musical e de suas possíveis contribuições que parecem fazer sentido no momento atual dos contextos informais da educação musical e traz alguns questionamentos: o quê os profissionais de música têm feito, nos últimos anos, em programas e projetos sociais? Qual tem sido o lugar da música nesses contextos e em trabalhos comunitários? Que contribuições as atividades musicais têm propiciado aos grupos e comunidades em que acontecem? Esses questionamentos emergem da necessidade de dialogar com os demais profissionais da educação musical e, assim, ser possível buscar um entendimento plausível das concepções sobre música e comunidade.

2.2 Bandas de Música

Diversos autores têm falado sobre bandas musicais e sua importância no meio educacional e social, entre eles, apontamos Lima (2015, p. 77) que explicita sobre o fato histórico de que a formação do músico instrumentista norte-rio-grandense está relacionada com a própria história das bandas de música. Também ressalta que essa preservação cultural edifica a integração do homem no espaço social a partir das experiências coletivas. O autor ainda aponta sobre fatos históricos, lembrando que os jesuítas, ao perceberem o fascínio dos índios pela música, utilizaram desse recurso para promover o trabalho de catequese dos índios. Nos dias de hoje não é diferente, pois a música tem sua significativa importância dentro do celebrar de uma missa, bem como está presente nos rituais e doutrinas de quase todas as religiões do planeta, senão de todas.

Um dos principais objetivos da formação de bandas de música e/ou marciais no Brasil é a criação de repertório voltado para eventos culturais, religiosos e cívicos das regiões de onde são criadas as bandas. Sobre esse assunto, Lima (2015, p. 81) destaca as influências europeias e afirma:

O repertório executado por essas bandas eram dobrados, valsas, polcas, mazurcas; música trazida da Europa. Contudo, aos poucos, esse repertório passa a sofrer mudanças em sua estrutura e a adquirir características próprias; ou seja, passa a exibir o gosto do povo brasileiro [...] (LIMA, 2015, p. 81).

A formação da banda de música varia em diversos países e, ao longo da história do mundo e, consecutivamente da música, foram tomando formas das mais diversas conhecidas nos dias atuais. Reis (1962) relata sobre o princípio da história das bandas: “As primeiras bandas surgiram no século XIV; eram formadas por grupos (bandos) de músicos executantes, que se reuniam para abrilhantar festas palacianas ao ar livre” (REIS 1962, p. 10).

Reis (2015, p. 10) ainda destaca o fato de que, a princípio, a banda foi criada para, com o ritmo marcial de suas marchas, exercitar o ânimo dos soldados, encorajá-los, despertando-lhes o sentimento guerreiro no combate ao inimigo. Sabemos ainda que até os dias de hoje existem as bandas de música ativas dentro das corporações militares e, mesmo que não estejamos em período de guerra, identificamos um respeito à cultura anterior e transformação de objetivos por parte da banda em ser mais que uma motivação, ser também uma oportunidade para os jovens seguirem carreira militar nessa

área artística, podendo ser tão importante quanto segurar uma arma perante a sociedade civil.

Sobre a organização da banda, Lima (2007, p. 52) afirma que as bandas escolares podem ou não serem fanfarras tradicionais, que contam apenas com as antigas cornetas não remodeladas. Na BAMAPS, por exemplo, a organização se dava por mais instrumentos percussivos do que os de sopro; eram trompetes, clarinetes, saxofones e trombones em números reduzidos se comparado aos 30 ou 40 músicos percussionistas.

Quanto à independência das bandas em relação a permissões para apresentações, podemos dizer que a BAMAPS foi e ainda é mantida pela Secretaria de Assistência Social do município de Tangará/RN através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e depende inteiramente da autorização dada pela secretaria de Assistência Social caso queira aceitar algum convite externo para apresentações fora do município. Sobre essa vertente, Lima (2007, p. 53) discorre que a independência das bandas em relação às instituições que as sediam é consolidada quando desenvolvem uma personalidade jurídica, integrada por um estatuto em um sistema orgânico, estabelecendo suas normas internas de modo legalmente reconhecido. Ainda sobre essa perspectiva, ele explica que:

O registro dos estatutos da banda representa a apropriação de um instrumento que facilita a abertura de novos caminhos no mundo das parcerias, patrocínios e jogos de interesses, conferindo ao grupo que o detém o poder para a tomada de decisões sem necessariamente depender do aval das escolas e das secretarias (LIMA 2007, p. 53).

Não necessariamente por motivos financeiros lucrativos, mas vejo a importância da criação de um estatuto onde seja possível criar parcerias e vínculos com a comunidade externa a fim de arrecadar verba também para a manutenção dos instrumentos da banda. Pois bem se sabe que a verba para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) serve para manter todos os grupos transversais ativos coordenados e monitorados pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e ter outra via de compra iria garantir a funcionalidade dos instrumentos por mais tempo e assim a banda poderia garantir seu número total de músicos ativos no grupo.

A BAMAPS tem objetivos nos campos sociais, educacionais e musicais. Falando-se de música, a banda ensaia o ano inteiro preparando o repertório para o desfile cívico que ocorre a cada ano no dia sete de setembro. É o momento que os

alunos mais se empolgam, faltam menos e se dedicam bem mais a fim de conseguirem uma vaga no dia da apresentação. Consecutivamente, é o período em que mais há procura por vagas por parte das crianças e jovens da cidade de Tangará/RN.

Na BAMAPS, planeja-se o ano da seguinte forma: dois ensaios semanais, sendo um para aprendizado de ritmo e outro para aprendizado de ritmo e criação de repertório. Da Secretaria de Assistência Social, recebemos um calendário informando quais serão os eventos dirigidos pela assistência durante todo o ano para que a banda possa se organizar e se programar em relação ao repertório, devido aos temas e assuntos serem diversos, como também o público que pode não ser o mesmo, dependendo do evento. Os eventos e datas festivas podem sofrer alterações no decorrer do ano, mas a secretaria se prontifica a sempre nos comunicar com antecedência. Ainda recebemos convites externos para participar de eventos dirigidos pelas secretarias de educação e Saúde. Nossos eventos mais importantes são o São João, Desfile Cívico (na cidade de Tangará/RN e cidades que convidam a BAMAPS) e o Natal, respectivamente. Porém, também se dá importância aos demais eventos, principalmente os que tratam sobre direitos dos jovens, direitos da mulher, dentre outros. No final do ano corrente, todos os alunos ativos na banda são presenteados com um passeio, geralmente para algum balneário com espaço de lazer e piscinas para que tenham um dia de lazer. Nesse dia, todos os funcionários da Assistência Social se reúnem e juntos fazemos gincanas, sorteios e servimos lanches. Assim se encerra o ano da BAMAPS.

A FUNART (2018) afirma que são 100 (cem) bandas ativas existentes no Rio Grande do Norte. Todavia, é possível que esse número seja maior, considerando que as bandas, ao serem “criadas”, não precisam necessariamente informar para algum órgão público ou de pesquisa sobre sua existência.

3. METODOLOGIA

Para este trabalho utilizei como método de pesquisa as entrevistas narrativas, via internet e também entrevistas pessoais com alguns dos alunos da BAMAPS, afim de melhor entender mais claramente seus pontos de vista e argumentos sobre os questionamentos que serão abordados. As narrativas são vistas como fonte confiável da pesquisa qualitativa há décadas dentro do campo epistemológico da pesquisa e, dentro desse pressuposto, Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016) discorrem:

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente e do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela.

O direcionamento central deste estudo está ligado a investigar as histórias de vida de alguns alunos veteranos da Banda Marcial dos Programas Sociais da cidade de Tangará/RN. O maior interesse é buscar o entendimento sobre a forma que a música era promovida através da BAMAPS, qual a realidade social dos alunos, o que mudou na vida desses alunos ao estudarem música, que importância cultural, humana ou até mesmo financeira teve essa prática na vida desses jovens. Questionamentos esses que são discutidos nos encontros de Educação Musical cada vez com mais ênfase, devido ao considerável aumento da prática musical em ambientes informais e de cunho social, onde nasce a preocupação sobre a prática do educador musical dentro do âmbito coletivo e da questão social.

Sobre a pesquisa narrativa Gray (1998) explica:

(...) Envolve a coleta e o desenvolvimento de histórias, quer como forma de coleta de dados quer como meio de estruturar um projeto de pesquisa. Os participantes frequentemente falam em forma de história durante as entrevistas, e como pesquisadores, escutando e tentando entender, nós ouvimos suas “histórias”. O método de pesquisa pode ser descrito como narrativo quando a coleta dos dados, a interpretação e a escrita são um processo “formador de sentidos” (...) (GRAY, 1998, p. 12).

Considerando a BAMAPS como um projeto de pelo menos uma década de existência, acredito que a pesquisa por meio das narrativas dos alunos possa garantir que os resultados qualitativos sejam mais detalhados, a fim de garantirmos a manutenção e melhor compreensão sobre o processo de musicalização por meio da banda marcial. Sobre essa abordagem, Gray (1998) relata ter certeza do valor dessa abordagem e de

que as histórias podem servir para melhorar o entendimento de um estudo de caso ou de um estudo etnográfico.

Sahagoff (2011) relata que, refletindo sobre a educação, vemos a pesquisa narrativa como uma possibilidade de estudo interessante, pois educação e vida estão interligadas. Clandinin e Connelly (2011) apontam que:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27).

Foi realizada uma entrevista narrativa com dois componentes da Banda Marcial dos Programas Sociais (BAMAPS), com idades de 20 e 25 anos, ambos moradores de Tangará/RN. Os entrevistados foram, inicialmente, contatados por aplicativos de mensagens, onde responderam questões básicas para o entendimento da sua ligação com a banda. Posteriormente, convidei os alunos para uma roda de conversa, onde colocamos os celulares para fazer a gravação do áudio de nosso diálogo. Realizei uma entrevista coletiva, com todos juntos no ambiente da conversa, mas também com respostas individuais e pessoais com cada um dos alunos entrevistados tendo sua vez de falar sobre as abordagens e questionamentos que iam surgindo no decorrer da entrevista. A conversa teve a duração de 40 minutos.

Nessas entrevistas fiz questionamentos sobre todo o processo dos alunos desde seu início na banda até os dias atuais. Foram realizadas perguntas que englobassem o assunto de forma geral para o desprendimento das respostas vindas dos entrevistados sobre o projeto em que estão inseridos e sobre o processo decorrente da aprendizagem. Falamos sobre questões sociais, de gestão, de ensino e aprendizagem, sobretudo, sobre experiências e visões pessoais de cada um deles. Ainda apontaram questões positivas quanto à existência da banda e sua importância no meio social para com os moradores da cidade de Tangará/RN. Discutimos sobre possíveis melhorias que a banda teve desde seu início e se a visão, por parte da população, foi amadurecendo positivamente ou não, sobre o entendimento da importância social, educacional e cultural que uma banda de música pode chegar a ter.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 O que é o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (S.C.F.V.)?

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (S.C.F.V.) trata-se de um serviço da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), regulamentado pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS nº 109/2009). Foi reordenado em 2013 por meio da Resolução CNAS nº 01/2013. Esse serviço é ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias que é realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI).

O SCFV possui um caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades dos usuários, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Esse serviço deve ser ofertado de modo a garantir as seguranças de acolhida e de convívio familiar e comunitário, além de estimular o desenvolvimento da autonomia dos usuários.

Os usuários do SCFV são divididos em grupos a partir de faixas etárias, considerando as especificidades dos ciclos de vida. O trabalho nos grupos é planejado de forma coletiva, contando com a participação ativa do técnico de referência, dos orientadores sociais e dos usuários. O trabalho realizado com os grupos é organizado em percursos de forma a estimular as trocas culturais e o compartilhamento de vivências, a desenvolver junto aos usuários o sentimento de pertença e de identidade e a fortalecer os vínculos familiares, sempre sob a perspectiva de incentivar a socialização e a convivência familiar e comunitária.

[...] O conceito de vulnerabilidade social está relacionado ao SCFV. Há uma infinidade de conceitos e definições para a expressão “vulnerabilidade”, conforme a abordagem das várias áreas do conhecimento. Na linguagem corrente, vulnerabilidade é “qualidade de vulnerável”, ou seja, o lado fraco de um assunto ou questão; o ponto por onde alguém pode ser atacado, ferido ou lesionado, física ou moralmente. Por isso, vulnerabilidade implica risco, fragilidade ou dano. Em breves palavras, vulnerabilidade relaciona-se à exposição a contingências e tensões e às dificuldades de lidar com elas. Nesse sentido, pode ser uma condição dos indivíduos e grupos frente a acontecimentos de diversas naturezas: ambientais, econômicas, fisiológicas, psicológicas, legais e sociais (MDS, 2013, p. 26).

No Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) existem: um coordenador, dois orientadores sociais, uma assistente social, uma assistente administrativa, uma psicóloga, uma ASD (assistente em serviços diversos) e professores/oficineiros nas áreas de música e esporte, todos em prol das atividades realizadas com os grupos assistidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (S.C.F.V.). Os alunos do S.C.F.V. têm atividades de segunda-feira à sexta-feira no prédio do CRAS nos períodos da manhã e da tarde. Contudo, as aulas/ensaios da BAMAPS acontecem nas sextas-feiras e quintas-feiras, das 08h às 11h (com um intervalo para lanche às 09h30min) e das 14h às 17h (com um intervalo para lanche às 15h30min).

4.2 Os objetivos gerais do SCFV¹

Sobre o funcionamento e os objetivos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos encontrei em: SCFV. Manual do Sistema Único do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2015/01/IO-SCFV-final.pdf>. Acesso em: 20 outubro 2018, apontamentos sobre as reais necessidades que se faz necessário a existência desse programa:

- Complementar o trabalho social com a família, prevenindo a ocorrência de situações de risco social e fortalecendo a convivência familiar e comunitária;
- Prevenir a institucionalização e a segregação de crianças, adolescentes, jovens e idosos, em especial, das pessoas com deficiência, assegurando o direito à convivência familiar e comunitária;
- Promover acessos a benefícios e serviços socioassistenciais, fortalecendo a rede de proteção social de assistência social nos territórios;
- Promover acessos a serviços setoriais, em especial das políticas de educação, saúde, cultura, esporte e lazer existentes no território, contribuindo para o usufruto dos usuários aos demais direitos;
- Oportunizar o acesso às informações sobre direitos e sobre participação cidadã, estimulando o desenvolvimento do protagonismo dos usuários;

¹ Objetivos extraídos do Manual do Sistema Único do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2015/01/IO-SCFV-final.pdf>.

- Possibilitar acessos a experiências e manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer, com vistas ao desenvolvimento de novas sociabilidades;
- Favorecer o desenvolvimento de atividades intergeracionais, propiciando trocas de experiências e vivências, fortalecendo o respeito, a solidariedade e os vínculos familiares e comunitários.

4.3 A Banda Marcial dos Projetos Sociais (BAMAPS)

A BAMAPS teve seu início no ano de 2008 através do programa PROJOVEM ADOLESCENTE, na cidade de Tangará/RN. Para dar início as atividades musicais, foi criado um grupo de Flauta Doce e os alunos que iam desenvolvendo-se mais rápido que os demais no instrumento eram direcionados para um instrumento de sopro ou percussão.

Após dois anos dessa formação o projeto evoluiu de patamar quando foi contratado um professor para poder musicalizar os alunos com a leitura da partitura convencional, a fim de ser montado um repertório mais formal comparado às demais bandas de música das cidades vizinhas na época. Todavia, essa formação só era dada para alunos de instrumentos de sopro, já para os alunos de percussão eram passados apenas os ritmos que iriam ser tocados (ritmo de marcha, valsa etc.). Essa foi a época em que a banda de música de Tangará estava em seu auge, realizando várias apresentações locais em festas escolares e eventos culturais em datas importantes para o município.

Após esse período de musicalização foram contratados dois maestros/professores para assumirem a banda filarmônica de Tangará/RN e então nasceu a Banda Marcial dos Projetos Sociais (BAMAPS). Cada maestro ficou responsável por um grupo; a banda filarmônica com os instrumentos de sopros e a banda marcial com os instrumentos de percussão. Essa formação da banda foi importante para dar a identidade a BAMAPS, uma vez que foram preparados dois tipos de apresentações onde uma sequência de ritmos era montada para eventos junto à filarmônica e outra sequência de ritmos consecutivos para apresentações cívicas, somente com a BAMAPS.

Sobretudo, o que mais motivava os alunos a quererem participar da BAMAPS era o sentido de família que o grupo dava aos alunos, pois bem se sabe que a maioria deles vivia em área de vulnerabilidade social, muitas vezes a carência por atenção,

carinho e/ou até mesmo falta de alimentação tornavam a BAMAPS o grito de socorro de alguns jovens, e eu, aqui, não poderia deixar de frisar essa parte que tanto contribuiu para o avanço técnico e cultural da existência da BAMAPS.

Após a unificação dos programas sociais do governo Federal pelas secretarias de Assistência Social ter se tornado o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), a BAMAPS passou a ser uma oficina oferecida pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), onde acontecem não somente atividades com música, mas também oficinas de dança, esporte, artes marciais e orientação social.

A BAMAPS tem o papel social de, em seu contra turno escolar, tirar as crianças e adolescentes, residentes em área de vulnerabilidade social, das ruas. Além disso, oferece orientação social com profissionais capacitados que os direcionam para uma melhor e mais saudável realidade de vida, trabalhando a conscientização sobre saúde, cultura, cidadania, sempre visando o social e o coletivo. Dentro dessa realidade em que a BAMAPS se insere, não só como grupo musical, mas também como ação social, ainda não foi possível a construção de uma sede própria apenas para a banda. Pois, no prédio do CRAS os alunos têm acesso aos orientadores sociais, à assistente social, à psicóloga, dentre outros profissionais que fazem parte da equipe.

A BAMAPS é um grupo formado por alunos antigos (que estão na banda desde sua formação) e alunos novatos, que toda semana aparecem para fazer parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, pois, o SCFV é de direito de todas as crianças e adolescentes do município que fazem parte de famílias inseridas no Cadastro Único do Programa do Governo Federal Bolsa Família. Não podemos proibir esses alunos de participarem das aulas. Todavia, os mesmos só passam a fazer parte integral da BAMAPS nas apresentações quando mostram esforço e capacidade técnica para tocar os ritmos junto à banda.

No ano de 2017 me tornei, através de Processo Seletivo Simplificado, o maestro/professor da Banda Marcial. Assim que assumi o cargo, me deparei com a seguinte realidade: a banda possuía 30 componentes e tinha 30 instrumentos de percussão e 10 instrumentos de sopro (em estado de funcionamento mediano). Os alunos dos instrumentos de sopro acabaram por abandonar as aulas de música pela necessidade de trabalho e/ou sustento da família e os poucos que ainda relutavam para serem músicos só tinham a prática como “hobby”, pois não havia mais maestro para a filarmônica.

A partir dessa situação, eu, como desafio, me propus a transformar essa realidade e, com o que tínhamos e com o que poderíamos adquirir junta à secretaria de Assistência Social, dediquei-me a resgatar a BAMAPS e a filarmônica do município. Não foi uma tarefa fácil, mas com a ajuda e incentivo dos demais profissionais do CRAS conseguimos, com sucesso, reaver alguns músicos da filarmônica para tocar junto à BAMAPS, sendo esses especificamente quatro jovens que, com muita dedicação, voltaram a fazer parte da banda.

Com a BAMAPS pudemos ir mais além; duplicamos o número de alunos e passamos a fazer ensaios pela manhã com uma turma e à tarde com outra, completando 60 alunos ativos na BAMAPS, entre veteranos e novatos. O objetivo não parou por aí, ainda tínhamos o problema da falta de instrumentos e fardamento para nossa volta oficial perante a sociedade de Tangará/RN. Com muito esforço e compromisso de todos, conseguimos comprar novos instrumentos de percussão e material para manutenção de outros, como também compramos o novo fardamento oficial da BAMAPS. Em 07 de Setembro de 2018, no desfile cívico, apresentamos a nova BAMAPS, um grupo com 65 músicos, formando uma enorme e linda banda nas ruas da cidade. Apresentamos dez ritmos, sendo o primeiro ritmo criado por mim e pelos próprios alunos.

O respaldo da população não poderia ter sido melhor, algumas pessoas perguntavam de qual cidade era essa banda, outros jovens pediam para fazerem parte da BAMAPS, e, sobretudo, percebia-se a felicidade dos alunos em estar fazendo parte de uma história de anos atrás que agora se renovava firme e forte em sua existência.

5. NOTAS SOBRE MÚSICA E HISTÓRIAS DE ALUNOS DA BANDA MARCIAL DOS PROGRAMAS SOCIAIS – BAMAPS.

5.1 Trajetória na BAMAPS

Questionando os alunos sobre o processo de sua aprendizagem na BAMAPS, sobre como eram as aulas de música e qual a motivação deles em quererem fazer parte da banda, pude perceber que a BAMAPS foi e é uma forte influência cultural dentro do município de Tangará/RN. Como relatado por eles, ver a banda apresentar-se era o que mais fazia os membros terem desejo de fazer parte deste grupo. Sobre todo esse processo e suas evoluções com o passar do tempo e a mudança de maestros, os alunos ainda discorreram:

Entrei para a BAMAPS com 15 anos de idade, no ano de 2008, e a banda funcionava pelo programa Pró-Jovem adolescente do Governo Federal. Primeiro comecei na flauta doce. O professor passava os exercícios no caderno como tarefa de casa e no outro dia tinha que ter estudado para colocar em prática os exercícios dados anteriormente. As aulas de flauta doce duraram 6 meses e após esse período eu fui direcionado para o trompete, onde tive aulas com o mesmo professor de flauta que também era o professor de percussão. As aulas eram primeiro individuais para depois serem em conjunto e eu achei difícil dessa forma. Eu não consegui aprender a ler partitura com o primeiro maestro. A maneira como ele dava as aulas eu não conseguia entender. Ele sabia muito de música, mas acho que ele não conseguia passar pros alunos de uma maneira que a gente pudesse entender. Nenhum aluno achava clara a forma que ele utilizava para dar aula. Mas quando entrou um maestro substituto, e chegou na banda já focado em musicalizar os alunos, eu rapidamente aprendi. Ele conseguiu me fazer entender. Uma questão de 3 meses. Após esse período foram contratados 2 professores de música: um para os sopros e outro para percussão. Assim, tivemos aulas mais direcionadas para os sopros. Hoje toco Trompete, Violão, Clarinete e os instrumentos de percussão. Após iniciar aulas de música qualquer instrumento que eu me interessava me dedicava e aprendia. Lá em casa foi difícil no início por que ninguém gostava de música e falavam que era perda de tempo, mas depois ficou tudo bem. Foi uma iniciativa minha mesmo e depois duas irmãs minhas entraram na BAMAPS, através de influência minha. Hoje em dia, caso tivesse oportunidade, ainda aprenderia o saxofone. É um instrumento bonito de ser tocado e também gostaria de estudar a parte de harmonia da música. Comprei um violino para aprender, só não tenho professor, nunca teve aqui em Tangará um professor de violino. Em relação a cursos, eu inicialmente faria o curso técnico de música e depois procuraria bacharelado (ALUNO A, 2018).

Aponto aqui uma preocupação sobre a forma em que alguns de meus colegas professores lecionam nessas bandas, não se preocupando com a musicalização dos alunos de percussão e/ou em não acharem ser necessário esse tipo de entendimento por parte dos alunos. A meu ver, não musicalizar um aluno meu, que toca em uma banda formada ou dirigida por mim, é tirar a oportunidade desse aluno poder seguir carreira profissional na área de música, considerando que a leitura da partitura (em quaisquer

instrumentos) é pré-requisito para ingressar em qualquer curso de música profissionalizante, seja na área de performance ou na área de educação.

Eu entrei com 14 anos na BAMAPS, no ano de 2012, e sempre toquei os instrumentos de percussão. No início não tínhamos muita dificuldade porque o nosso papel era só acompanhar os instrumentos de sopro. Tanto que só tinham três tipos diferentes de instrumentos de percussão: um tarol, um surdo e um fuzileiro. Os ensaios eram mais direcionados para os alunos dos instrumentos de sopro e para nós era mais tranquilo porque tínhamos que aprender apenas os ritmos das músicas e ensaiar quando o pessoal dos instrumentos de sopro estava pronto. O aprendizado no meu tempo era só de boca [verbal], o professor dizia os ritmos, tocava uma vez pra gente ver como era e a gente repetia até aprender. Quando entrou um professor substituto, nós da percussão também participávamos das aulas de teoria. Eu lembro quando o professor pedia pra gente ir pras aulas porque percussão também tinha partitura. Quando contrataram 2 maestros, aí sim tínhamos ensaios para a percussão na mesma dimensão que os sopros. A banda ainda tocava junta, sopros com percussão. Quando os sopros estavam ensaiados juntava com a banda marcial, que agora tinha vários músicos. Passei por vários instrumentos de percussão, não só na BAMAPS, mas também cheguei a participar de outras bandas que existiam nas escolas aqui de Tangará/RN. Hoje também toco violão e um pouco de teclado. Sempre gostei de música e acredito que a BAMAPS tenha influenciado bastante esse interesse, como também tive influências do meu irmão que sempre tocou na igreja, o teclado. Eu tinha 5 anos e o via ensaiando em casa e foi surgindo o interesse, mas só comecei a estudar teclado e violão depois que já havia passado pela BAMAPS. Em 2014, 2015 meu irmão comprou um violão e partiu de mim querer aprender, tanto que aprendi sozinho, estudando em casa, procurando vídeos no youtube. Para entrar na BAMAPS tive a influência de um amigo que tocava tarol e lá em casa não tive problemas por que já existia a influência do meu irmão na igreja tocando, e daí eu segui sendo da banda. Um instrumento que eu tenho vontade de aprender, se tivesse oportunidade, era o violino. Acho muito bonito quem sabe tocar, e o som também é muito bonito. No momento, em relação a cursos de música, não é o meu foco, não é muito meu objetivo, mas se aparecesse uma oportunidade eu faria sim (ALUNO B, 2018).

Analisando e comparando as respostas dos alunos, percebo que é bem cultural essa questão de que o maestro de banda de música, nos interiores do Rio Grande do Norte, tem a função mais de formar repertório do que promover o ensino da técnica instrumental. Também comparo com minhas experiências, em que também, por muitas vezes, tive que musicalizar os alunos com aulas de teoria musical e prática de flauta doce para logo, rapidamente, direcionar os educandos para um instrumento de sopro. A vantagem nessa modalidade de ensino é a rápida formação de repertório, considerando que esse seja o objetivo principal do grupo, já que essas bandas são criadas pelas prefeituras municipais das cidades e são obrigadas a estar presente nos eventos festivos da localidade, eventos religiosos, políticos e/ou cívicos. Todavia, a desvantagem é justamente essa falta de direcionamento técnico que o músico acaba por sentir falta com o passar do tempo e, com isso, alguns desistem da música por falta de oportunidade em poder ingressar em um curso profissionalizante.

5.2 A importância da BAMAPS na vida dos componentes

Com a intenção de identificar qual o nível de importância que os alunos dão para a prática de banda nas suas vidas no sentido profissional, social e/ou pessoal, perguntei como eram suas vidas antes e como ficaram depois que passaram a fazer parte da BAMAPS. Os alunos afirmaram:

Foi muito importante porque conheci novos amigos, muitas amizades. A gente cria vínculos com as pessoas. Até depois da banda essas amizades continuam e nunca morrem. Eu amo a música e tocava vários outros instrumentos além dos que já toco. Poder ser o primeiro e ter sido um incentivador para minhas irmãs também quererem estudar música me deixou muito feliz, e essa vontade de ser músico e sempre estar praticando fez com que minha família passasse a aceitar e também a gostar da música. Porque é algo que me faz bem e hoje eles podem ver isso com muito mais clareza. Hoje, não faço só música, tenho outras habilidades, mas vejo que tomei o rumo certo nos estudos quando me convidam para tocar em eventos fora da banda, como na igreja, aniversários e até parcerias com cantores e músicos daqui que me convidam para fazer participação em eventos particulares. Sou muito feliz por ser músico e não me arrependo de nada que aprendi até hoje. Se pudesse, faria tudo novamente (ALUNO A, 2018).

Considere suas respostas positivas, sobretudo sobre suas falas em relação às amizades que fizeram e que mesmo após a banda elas continuam firmes e fortes. Percebo, como resultado, o tamanho do “poder” que uma prática coletiva tem em propor união, respeito às diferenças e o trabalho em grupo por parte de uma banda de música. Considero que, uma vez vividas essas experiências, o indivíduo possa estar preparado para estar e fazer parte de toda uma sociedade que luta por igualdade, respeito e educação, no que podemos aqui chamar de inserção do indivíduo na sociedade por meio de práticas musicais através de uma banda de música. Sobre este quesito argumento em concordância com os alunos. Numa banda, seja como aluno ou professor (por que já fui os dois), aprendemos a dar valor ao próximo, reforçando o aprendizado sobre respeito, coletividade, harmonia, responsabilidade e gratidão. Amizade é uma palavra muito forte e dentro de uma banda podemos ver ela acontecer da forma mais simples e verdadeira possível, como relatou o Aluno B:

Desde pequeno fui influenciado pelo meu irmão a tocar algum instrumento porque o via tocando um. Depois da BAMAPS percebi que ser de uma banda vai muito além. Fiz amizades que serão para sempre e hoje todos os componentes chamam a BAMAPS de família BAMAPS, porque é isso que somos; uma família. Meus pais sempre foram a favor de que nós estudássemos música, nunca falaram nada sobre e meu irmão, mesmo antes de tocar na igreja, passou por todas as bandas das escolas daqui de Tangará/RN que eu... só que eu só fui ser depois. Daí veio a BAMAPS que hoje é e sempre será uma prática e momento importante na minha vida. Não estava mais na BAMAPS fazia alguns anos, mas como moro perto e estava ouvindo os ensaios com o senhor (Maestro Jader), despertou em mim a vontade de, caso fosse possível, eu voltar para a banda, mesmo que fosse para tocar

qualquer instrumento. Daí esperei o dia do próximo ensaio, fui lá, esperei o senhor acabar e pedi pra voltar pra banda e o senhor deixou (ALUNO B, 2018).

Como resultado desse questionamento, apresento e concluo que a participação de uma criança ou adolescente numa banda de música marca sua vida para sempre. É uma experiência muito rica em detalhes e em processo de evolução que a cada etapa vai ficando registrada no cérebro de quem pratica, mesmo com os momentos ruins que possam ter chegado a existir. Afinal, todo processo evolutivo na vida de um ser humano advém de experiências positivas quando se há sucesso e negativas quando não se alcança o objetivo esperado. No entanto, o ponto negativo precisa ser um momento a se esquecer? Não! Descobrimos que dos erros tiramos o aprendizado e que a experiência serviu para que também se aprenda sobre como não deveremos agir numa próxima oportunidade.

5.3 A importância da BAMAPS para a vida social dos Tangaraenses

Com o intuito de entender melhor sobre o que a população Tangaraense pensava antes sobre a banda e o que pensa agora, questionei os alunos entrevistados sobre a aceitação por parte de seus pais e qual visão as pessoas de Tangará/RN tinham sobre a banda e se queriam seus filhos participando da mesma. Como resposta, os alunos falaram que muitos dos pais viam a BAMAPS como uma oportunidade para que os jovens de Tangará/RN não fossem direcionados para caminhos impróprios que, por muitas vezes, poderiam seguir. Caminhos esses, onde a ociosidade fazia com que fosse mais fácil esse contato direcionador por parte de outros. Sobre essa importância os alunos ainda disseram:

É muito importante para a vida dos jovens de Tangará/RN a permanência da BAMAPS por tirarem essas pessoas das ruas nos horários de contra turno da escola. Essas crianças e adolescentes, muitos deles, moram em regiões da cidade onde infelizmente já existe um direcionamento para o mau caminho e a BAMAPS é uma porta de saída para eles. Os pais, quando vão nos assistir, desejam ver seus filhos também participando ao invés de estarem praticando coisas erradas. Trazer um encontro de bandas para mostrar a cultura da nossa cidade, criar eventos iria dar mais visibilidade por parte da população. A vontade de tocar algum instrumento quando via a banda tocando era o que me motivava a querer fazer parte da banda (ALUNO A, 2018)

Ficou nítido o fato de que uma banda de música pode ser um caminho transformador no campo sócio-educacional. Os alunos e a comunidade já entenderam que a banda não é só o tocar dos instrumentos, mas que também pode ser a salvação de um filho, de um amigo, de alguém que você goste e que está prestes a perdê-lo para o mundo do vício. A comunidade abraça a banda e incentiva suas crianças e jovens a participarem. Em contrapartida, os jovens recebem orientação, atenção, direcionamento

social e diversão. Sim, diversão, pois a prática coletiva de uma banda de música tem um processo muito lúdico e prático dentro de seu processo de ensino e aprendizagem. O aluno B ainda afirma:

A BAMAPS é muito importante no quesito social. Tipo, muitos alunos vão e lá eles encontram pessoas com quem eles podem conversar, podem se apoiar e tipo, surgem várias amizades, através de uma banda. Não só da BAMAPS, mas como todas as bandas que passei eu conheci muita gente e gente que hoje tenho uma amizade muito forte, carrego comigo até hoje, sabe? Devido a eu ter conhecido na banda. Sem contar que para o aluno que não tem muitas condições se torna uma oportunidade a mais pra ele, pra não fazer besteira, pra ele continuar no caminho certo, pra ele ter um ponto, sabe, uma âncora pra ele seguir e não sair do caminho certo. É a inclusão do indivíduo na sociedade através da música. Eu acho que é isso! Sempre que tinha apresentação nos dias festivos e religiosos na cidade de Tangará a BAMAPS estava tocando e isso me motivou a querer ser da banda (ALUNO B, 2018).

Vejo uma maturidade além da que normalmente se vê em jovens da idade desses alunos entrevistados. Falar que a banda é o meio de inclusão do indivíduo na sociedade através da música, e que a mesma pode ser uma grande transformadora e direcionadora para os comportamentos corretos e dentro da lei, é a maior prova de que a música pode sim mudar a realidade de um indivíduo. O fazer social dentro de uma banda de música está presente desde o primeiro dia de aula, onde são impostas regras, deveres e direitos que se devem ser respeitados e garantidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar compreender o processo de musicalização, a história de vida desses alunos e o impacto que a BAMAPS tem dentro da cidade de Tangará/RN, foi desafiador e ao mesmo tempo uma prática muito prazerosa, pois a BAMAPS significa muito mais que um grupo musical para quem dela fez e/ou faz parte. É uma experiência de vida que, segundo os alunos entrevistados, ficará para sempre em suas memórias.

Traçar estratégias para a coleta dos dados como criar um roteiro de entrevista e ir até a cidade de Tangará/RN aplicá-las pessoalmente, resultou em um sucesso total para com o desenvolvimento deste trabalho. O ambiente tranquilo e silencioso e a presença pontual dos dois alunos fez com que a roda de conversa tenha dado certo. Afinal, concluiu-se que quando os alunos iam falando também vinham juntas as lembranças sobre sua trajetória de vida na banda e o quanto isso foi significativo para sua formação humana.

É um presente muito significativo poder investigar sobre um grupo do qual se faz parte, principalmente quando esse já existia antes de sua chegada. Conhecer melhor a realidade e história dos meus alunos me faz perceber o quanto esse processo inicial na música ainda se iguala com a forma de anos atrás, quando eu era um deles; uma criança em busca de realizar o sonho de aprender a tocar algum instrumento musical. Particularmente, percebo uma pré-disposição para a música em muitos deles e, consigo extrair resultados que nem imaginava ser possível, tratando-se, anteriormente, de instrumentistas sem direcionamento adequado para o estudo da técnica.

Entender melhor o processo de musicalização dos alunos da BAMAPS despertou-me certa inquietação sobre a importância do ensino de música na banda ser mais eficaz se aplicado de forma coletiva, com os alunos já se sentindo parte do grupo, ao invés de passar exercícios individuais para se estudar em casa. Particularmente, para mim, a melhor fase em que participei da banda foi no momento em que pude iniciar como integrante nas apresentações oficiais. Agora, ouvir dos alunos que o que mais os motivava era ver a banda tocando, reforça mais ainda a certeza de que desde a primeira aula, como professores, devemos incentivar o contato físico com o instrumento, seja a flauta doce, seja cantando, ou em quaisquer instrumentos, considerando a realidade do projeto.

Pude perceber a importância que esses jovens dão para a amizade dentro da banda, e posso concretizar que é possível chamar uma banda de família, afinal, é lá onde

passamos uma boa parte de nosso tempo, dialogando, conversando, discutindo e nos relacionando diretamente com pessoas. É isso que faz o grupo melhor, mais unido; a convivência diária uns com os outros. O compromisso, o respeito, a harmonia, a coletividade e a confiança se constroem com o tempo, é algo que se cria de acordo com os tipos de relações que o indivíduo tem dentro uma coletividade.

O trabalho social que se faz dentro de uma banda de música é transformador. Repito ainda a última frase de um dos meus alunos entrevistados: “É a inclusão do indivíduo na sociedade através da música”. E é mesmo! É exatamente isso que acontece com o jovem que chega disposto a participar desse processo de formação musical e humana, assim me coloco a dizer.

Trabalhar no campo social, dentro de uma realidade em que a maioria dos meus alunos é pertencente a uma área de vulnerabilidade, fez com que eu me sentisse mais desafiado a dar o melhor de mim durante os ensaios, pois eu sabia que, garantindo a presença daqueles alunos na minha sala, também estaria garantindo um jovem humanamente preparado para se relacionar com a sociedade em quaisquer circunstâncias que fossem. Não são todos os alunos que vivem em situação de risco social, mas são todos que estão em desenvolvimento educacional. E, na banda, trabalhamos valores que, muitas vezes, não dá tempo para serem abordados dentro do ensino regular devido aos conteúdos específicos que precisam ser passados para os educandos. Esse é mais um fato para comprovar que o assistencialismo social precisa caminhar sempre junto com a educação e a saúde. Não é a toa que o aluno que possui determinado número de faltas no ensino regular, a mãe ou responsável tem seu benefício do Bolsa Família (Programa de combate a fome do Governo Federal) bloqueado até que se responda sobre o motivo da ausência do aluno em sala de aula. As forças públicas juntas em prol do desenvolvimento social e educacional dos jovens desse país podem garantir que, a maioria, possa ser devidamente assistida e bem-direcionada para o caminho do progresso.

Ainda como resultado positivo desta pesquisa, reforço a questão da qualidade na abordagem da aula coletiva. Como um dos alunos entrevistados externou, nas aulas individuais, onde deveriam levar um exercício para estudar em casa e no outro dia já chegar em sala de aula para executar os estudos, era bem mais difícil, tanto para o estudo da teoria como o da prática. O ensino coletivo torna o processo mais prazeroso por parte de quem recebe e eficaz por parte de quem transmite. Ora, o que o aluno quer, de fato, é tocar e existem hoje vários métodos voltados para a musicalização com alunos

de banda de música. Posso citar aqui o professor Dr. *Joel Barbosa*, com o qual eu tive a honra de aprenderem uma de suas oficinas sobre o ensino coletivo de instrumentos de sopro, onde o mesmo reitera a importância sobre o fazer lúdico e, sobretudo, a teoria já desde a primeira aula. Um olhar para a teoria musical para se pensar junto à prática, com base em seus métodos de nível básico e avançado sobre o ensino coletivo.

Finalizo esta pesquisa feliz, tanto pela experiência em realizar entrevistas com alunos tão queridos, como pelos resultados, pelo “poder” que o estudo tem de me fazer “voltar” no tempo, fazendo com que eu revivesse momentos importantes e imprescindíveis para minha formação musical e humana. Tive a honra de ser musicalizado por um maestro chamado João Batista da Silva (João da Banda), responsável e que se preocupava com a continuação dos estudos da técnica instrumental. Ele buscou conseguir bolsas de estudo nos cursos básicos que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN oferecia para todos nós da banda de música da cidade de Serra Caiada/RN, no ano de 2012. A ele sou grato, pois, se não fosse esse direcionamento, hoje certamente que não estaria aqui finalizando mais esse ciclo em minha vida. Não deixando de salientar que essa evolução é contínua, nunca para. Quando aprendo ensino e quando estou ensinando, ao mesmo tempo, estou aprendendo. Deixo como palavra final deste trabalho a que jamais poderia faltar: gratidão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. G. de. Educação musical não-formal e atuação profissional. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 13, p. 49-56, set. 2005.
- BELL, J. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. Tradução Magda França Lopes. 4. Ed – Porto Alegre: Artmed, 2008.
- COMO mudar a vida de crianças com arte e atenção. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 ago. 2002.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FUNARTE. Bandas de música por estado: FUNARTE. Disponível em: <http://sistemas.funarte.gov.br/bandas/estado.php?uf=RN>. Acesso em: 14 novembro 2018.
- FREITAS, M. F. Quintal de. Construcción y consolidación de la psicología social comunitária em Brasil: conocimientos, prácticas y perspectivas. In: MONTEIRO, M.; SERRANO-GARCIA, I. (Comp.). *Historias de la psicología comunitária em América Latina: participación y transformación*. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 91-114. (tramas Sociales, 64).
- GADOTTI, M.. A questão da educação formal/não-formal. 2005. Disponível em: Acesso em: 5 nov. 2012.
- GRAY, J. “Narrative Inquiry”. Trabalho inédito, Edith Cowan University. Western Australia, 1998.
- LIMA, Marcos Aurélio de. A banda estudantil em um toque além da música. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- LIMA, Ronaldo Ferreira de. Bandas de músicas, escolas de vida. Natal: EDUFRN, 2015. 164 p.
- NASCIMENTO, A. D.; SOUZA, J. Música, escola e sociabilidades juvenis em situação de risco social: a experiência da investigação no estágio pós-doutoral. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 18; SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18, 2009, Londrina. *Anais...*Londrina: ABEM, 2009.
- OLIVEIRA, A. de J. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 8, p. 93-98, mar. 2003.
- PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. *As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação*. Revista Lusófona de Educação, 33, 11-125. Julho 2016.

REIS, Dalmo da Trindade. Bandas de Música, Fanfarras e Bandas Marciais. Eulenstein música S. A. Av. Rio Branco, 26-A – 16º andar. Rio de Janeiro, 1962.

SCFV. Caderno de orientações: Serviço de proteção e Atendimento integral à família disponível em <https://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-deconvivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em: 20 outubro 2018.

SCFV. Concepções de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/aceso_informacao/perguntas_frequentes_scf_v2016.pdf . Acesso em: 20 outubro 2018.

SCFV. Manual do Sistema Único do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2015/01/IO-SCFV-final.pdf> . Acesso em: 20 outubro 2018.

SOUZA, Jusamara e outros. Música, Educação e projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

ANEXO I

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Com qual idade você entrou na BAMAPS?
- 2) Qual o primeiro instrumento musical que você aprendeu? Mudou de instrumento alguma vez?
- 3) Qual(is) instrumento(s) você toca hoje? Aprendeu todos na BAMAPS?
- 4) Como eram as aulas de música? Quantos professores/maestros já passaram pela BAMAPS?
- 5) O que te motivava a querer ir para os ensaios da banda e estudar música?
- 6) Sua família apoia você querer tocar algum instrumento musical?
- 7) Qual a importância da música na sua vida?
- 8) Por que a BAMAPS é importante para a cidade de Tangará/RN?
- 9) Qual a sua convivência com os componentes da BAMAPS?
- 10) Como você acha que a comunidade enxerga a BAMAPS?

ANEXO II

BAMAPS – PRIMEIRA FORMAÇÃO



Fonte: Foto retirada da Rede Social Facebook.

BAMAPS – FORMAÇÃO 2018



Fonte: Foto retirada da Rede Social Facebook.